

ANGÚSTIA: CULTURA E MEDIAÇÃO
José Carlos Garbuglio

Euclides da Cunha, ao relatar a entrada dos soldados que iam combater Antonio Conselheiro nos sertões da Bahia, afirma que eles tinham a exata impressão de estar penetrando outro país, habitado por outra gente, portadora de outros costumes, a falar outra-língua, que não podiam entender, a tal ponto havia chegado a separação entre Interior e Litoral, entre a cidade e o campo.*

Eram duas civilizações paralelas, constituíam dois mundos estranhos e desconhecidos que, de repente, se viram colocados em confronto.

De certo modo, é esta a mesma sensação com que se sai do romance *Angústia*, quando se observa de perto a personagem Luís da Silva, em contraste com o seu meio. Ao contrário de Paulo Honório, o vitorioso personagem de *São Bernardo*, que tem um percurso ascendente, Luís da Silva descreve longo e continuado processo de decadência, desde a dissolução da grande família, comida pelo tempo e pela perda da fiança, até a transformação do possante e sonoro nome do avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva no vulgar e desenhado Luís da Silva do descendente. Recalcado, abúlico, sem energias para lutar ou para impor-se nem possibilidade de retorno, ele se mostra em tudo incapaz. Incapaz de compreender sua gente, a de que proveio e a com que está em relação. Sem jeito para estabelecer formas de convívio, acaba por se pendurar na burocracia oficial e, sozinho, enfrenta os dias numa agonia cinzenta e inglória.

Pequeno intelectual cidadão da classe média, seu deslocamento em face do mundo em que se encontra pode ser visto como metonímia do intelectual brasileiro, a viver fora do espaço, por força de uma série de fatores nem sempre muito claros. Vive naquela faixa interposta de cidadãos, espremida entre as outras, sem conseguir dela se libertar nem conquistar seu lugar de encaixe. Já não pode entender-se com os de cima, donde proveio e de que se afastou por causa das posições assumidas e, principalmente, pela aquisição de uma língua-

* "Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discórdia absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas do interior, que desequilibrava tanto o ritmo do nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros, outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pitoresca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria." (*Os Sertões*, 12ª edição. Livraria Francisco Alves, 1933, 521).

gem de pequeno letrado, em que se introduz o vago desejo de reformas sociais, nem tampouco consegue encaixar-se nas camadas populares, de que está distante, por outras tantas razões, permanecendo numa posição intermédia, a meio caminho de uma e de outra. Muito pior. Sem capacidade efetiva para vencer as distâncias e definir-se por uma delas, tem aumentadas a instabilidade e insegurança. Nessa encruzilhada, seu drama, agravado pelo equilíbrio precário, tende a crescer para chegar ao impasse que anuncia na violência potencial a única forma de saída.

Em *Angústia*, há uma passagem que torna exemplar esta posição, ajuda a aproximação do texto e do contexto e permite a iluminação de um pelo outro: "Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente. Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se, como eu, em caixões de querosene, encostavam-se em balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. Eu queria dizer qualquer coisa, dar a entender que eu também era vagabundo, que tinha andado sem descanso, dormido nos bancos dos passeios, curtido fome. Não me tomariam a sério. Viam um sujeito de modos corretos, pálido, tossindo por causa da chuva que lhe havia molhado a roupa. A luz do candeeiro de petróleo oscilava no balcão gorduroso. Homens de camisa-de-meia exibiam músculos enormes, que me envergonhavam.

Encolhia-me timidamente. Não simpatizavam comigo. Eu estava ali como um repórter, colhendo impressões. Nenhuma simpatia.

A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros. Comovo-me lendo os sofrimentos alheios, penso nas minhas misérias passadas, nas viagens pelas fazendas, no sono curto à beira das estradas ou nos bancos dos jardins. Mas a fome desapareceu, os tormentos são apenas recordações. Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? Naturalmente, a fome antiga me enfraqueceu a memória. Lembro-me de vultos bisonhos, que se arrastavam como bichos, remoendo pragas. Que fim teriam levado? Mortos nos hospitais, nas cadeias, debaixo dos bondes, nos rolos sangrentos das favelas. Alguns, raros, teriam conseguido, como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras

favelas, desajeitados, ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. *Teriam* as suas pequeninas almas de parafusos *fazendo* voltas num lugar só.

la sentar-me no canto mais escuro, longe do candeeiro de petróleo, longe dos homens de camisas sem mangas e das mulheres que arrastavam tamancos. Vagabundos? Nada. Estavam ali indivíduos de várias profissões. O moleque tizado era engraxate. A mulher de chinelos, que trazia uma garrafa de querosene pendurada no dedo por um cordel, tinha modos de pessoa séria, casada ou amigada. A rapariga pintada de branco e vermelho, com marcas de feridas nos braços, devia ser uma ratuína como Antônia. O homem gordo era pedreiro, via-se pelas manchas de cal na roupa. Pedreiro com aquele corpo, que perigo! Um cochilo no andaime, pisada em falso na ponta da tábuia, e no dia seguinte a família estaria de luto. O rapaz de cabelos compridos que tocava violão, provavelmente não se ocupava. No carnaval, devia ser uma das figuras mais importantes do cordão, e pela festa de Natal, na barca de terra e varas que ali estava armada em frente à bodega, seria um bicho na chegada, contramestre pelo menos, talvez almirante. Os meninos que brincavam na rua quando estiava, às carreiras e aos gritos, horas depois estariam no grupo escolar, os cotovelos na carteira, escutando, ou não escutando, a voz da professora. Vinte anos depois seriam balizas no clube carnavalesco, contrames-tres de chegada, donas de casas sossegadas que levariam, pendurada no fura-bolo, uma garrafa de querosene amarrada pelo gargalo, mendigos como aquele que ali estava com a perna estirada coberta de trapos. Felizmente as moscas dormiam, e o homem dos trapos não precisava mandar as almas caridosas para o reino do céu em voz alta, para a casa do diabo em voz baixa. Agora não havia esmolas, e o homem da perna entrapada conversava com os outros quase naturalmente. O dono da bodega era triste. Certamente pensava no aluguel, na figura odiosa de um dr. Gouveia, no imposto e nas faturas dos gêneros. Talvez dentro de seis meses a bodega estivesse fechada, e ele, com os cacarecos, a mulher, de garrafa pendurada no dedo, e os filhos, que agora dançavam na rua molhada, tivesse descido o morro pela banda do norte e vivesse à beira do Reginaldo, onde há febres, inundações e lixo. As crianças dançavam e cantavam na rua molhada. Dentro de vinte anos, as que gostassem de torcer-se no mesmo canto seriam parafusos. Ignorariam o que existisse longe delas, mas conhe-

ceriam perfeitamente as coisas por onde passassem as suas roscas. Haveria, dentro de vinte anos, criaturas assim encaracoladas que, tendo corrido mundo, se resignam a viver num fundo de quintal, olhando canteiros murchos, respirando podridões, desejando um pedaço de carne viciada? Tudo ali era tão simples! Os bordões do violão gemiam, as gargalhadas sonoras da mulher pintada enchiam a praça. A história que o homem acaboclado, de peito cabeludo e cicatrizes no rosto, contava ao engraxate devia ser interessante. Gestos expressivos, provavelmente façanhas de capoeiras. Eu não compreendia a linguagem do narrador, as particularidades que provocavam admiração perdiam-se. As gargalhadas da mulher transformavam-se naquela viagem curta aos meus ouvidos, chegavam-me frias, geladas. E a marcha do carnaval entristecia nos bordões do pinho. Todas aquelas pessoas entendiam-se perfeitamente. Diferiam muito umas das outras, mas havia qualquer coisa que as aproximava, com certeza os remendos, a roupa suja, a imprevidência, a alegria, qualquer coisa. Eu é que não podia entendê-las. — ‘Sim senhor. Não senhor.’ Entre elas não havia esse *senhor* que nos separava. Eu era um sujeito de fala arrevesada e modos de parafuso. Aquele tipo acaboclado, que dizia histórias de capoeiras e se balançava num pé só, tinha bíceps enormes, provavelmente estrangularia um homem sem grande esforço. A rapariga pintada cheirava a pó-de-arroz. A pó-de-arroz e a gasolina. O rapaz de cabelos compridos largava os sambas carnavalescos e punha-se a arrancar do pinho coisas absurdas que pareciam trechos de óperas. Insuportável. Afinal, que estava eu fazendo ali, sentado num caixão, diante de um copo vazio? Procurava fixar a atenção nas crianças que dançavam e corriam, como dançavam e corriam, na areia do Cavalito-Morto, os meus companheiros, alunos de mestre Antônio Justino. Lá estava novamente entrando no passado, torcendo-me como parafuso. — ‘Rei meu senhor mandou dizer que fossem ao cemitério e trouxessem um osso de defunto.’ Quem tinha coragem? Os mais atrevidos chegavam até o muro de seu Honório, no fim da rua. Adiante, o lugar era mal-assombrado e ninguém se aventurava por lá. Eu queria gritar e espojar-me na areia como os outros. Mas meu pai estava na esquina, conversando com Teotoninho Sabiá, e não consentia que me aproximasse das crianças, certamente receando que me corrompesse. Sempre brinquei só. Por isso cresci assim, besta e mofino.

Lembrava-me da minha chegada à vila. As ruas me causavam grande espanto: nunca havia imaginado que as ruas fossem tão compridas e tão largas. Saí de casa e comecei a passear na calçada, olhando a janela de um sobradinho onde se debruçava um homem fardado. Quis recolher-me e entrei pela primeira porta que encontrei. Na sala de jantar descobri uma mulher amamentando o filho, sentada numa esteira, com um gato de banda. Fiquei encabulado e perguntei. — ‘De quem é esse gato?’ A mulher respondeu: — ‘É meu.’ Saí e continuei a passear na calçada, mas sem prestar atenção ao homem de farda que se debruçava à janela do sobradinho. Arrisquei-me a entrar por outra porta. Na sala de jantar, a mulher amamentava o filho. E o gato de banda. Tornei a perguntar: — ‘De quem é esse gato?’ A mulher respondeu: — ‘É meu.’ Mais tarde, cabo José da Luz me encontrou perdido e levou-me para casa. Um menino grande e besta, muito diferente dos que brincavam junto à barca de terra e varas. Na escola, mestre Antônio Justino sentava-me afastado dos outros, naturalmente para não me corromper.

E ali estava encostado no balcão, sem perceber o que diziam, meio bêbado, susceptível e vaidoso, desconfiado como um bicho. Tudo aquilo me envergonhava: as conversas simples, a alegria, especialmente os músculos e mãos enormes, que esganariam facilmente um inimigo. Levantava-me.

— Insuportável.

A mulher cheirava a gasolina. O violão tocava óperas.

— Insuportável.” (*Angústia*, 6ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1953, 123-128.)

Acompanhado de perto, o texto revela vários graus de compromisso, de separação e alienamento. O primeiro ponto a destacar é o do deslocamento de alguém que, escorraçado, foge de um lado para outro, sem conseguir encontrar-se, demonstrando desequilíbrio e descontrole que explicam a busca duma espécie de elo perdido. Despojado da mulher que lhe arrebatara Julião Tavares, o lado mandante da sociedade, já desorientado e inseguro, Luís da Silva se perturba ainda mais. Ao partir sem rumo, vai bater de encontro ao outro lado da sociedade, deparando, num botequim, com um grupo de trabalhadores, com que ensaia contacto, por princípio, impossível. A distância entre ele e o grupo fixa com clareza sua posição intermediária,

entre dois pólos da sociedade, que pode ser vista em sentido mais geral, como parte de um contexto de que faz parte Luís da Silva.

Na sua vida de recluso, fechado consigo mesmo, de horizontes limitados, aparece em certa ocasião, uma mulher, Marina, como ponto de apoio e um vago aceno de saída de seu impasse. Remota, embora, ela é também possibilidade de afirmação, que se torna perigosa pela sua instabilidade de caráter, pela ânsia de aparecer, pelo desejo de trocar de vida e de faixa social. Os acontecimentos em que se envolvem provocam outra forma de desequilíbrio e o empurram ainda mais para o isolamento, ao ampliar as fronteiras da desconfiança.

Deste modo, o menino que sempre brincou só, o adolescente que nunca teve companhia, o adulto incapaz de se relacionar e se encaixar em qualquer das versões sociais existentes, que procede de um clã despedaçado, se vê definitivamente no meio, entre as duas versões sociais que lhe são estranhas: continua só. A percepção desse distanciamento se concretiza no momento em que ele penetra na bodega — bar de arrabalde —, recanto de trabalhadores, onde um grupo descontraído bebe, canta, toca, se entretém e, principalmente, se entende. Na tentativa de aproximação, Luís da Silva sente que nenhuma afinidade existe entre ele e o grupo, que uma profunda, radical e definitiva separação se manifesta, e os coloca em posições antípodas, ao mesmo tempo em que revela e ganha corpo sua distorcida visão do mundo brasileiro.

Intelectual pequeno-burguês, suas formas de conhecimento são indiretas, mediadas, pela escola, pelos livros, por outra linguagem e por outros hábitos que os tornam distantes; fazem circular valores e idéias diferentes dos que compõem a vida daquela gente, seus longínquos patrícios. O narrador deixa bem clara a idéia ao afirmar que foi a literatura, isto é, o modo de conhecimento e aprendizado do mundo que os afastou. E aí aparece a raiz de outro problema angustiante: enquanto este pequeno intelectual chega “às fontes da vida” por meio de outros aparelhos, descrevendo longo e penoso caminho, aquele grupo de pessoas que pertencem ao que no Brasil se chama povo, vive a realidade diretamente, sem que vias travessas mediem seu contacto. Luís da Silva, para eles, é homem de fora, está do outro lado, gera desconfiança. Repórter, aparece com o objetivo de colher informações sobre essa gente que não compreende e transforma-se, ele também, em outro intermediário a pôr em circulação a sua visão do grupo,

que lhe é desconhecido e com o qual nenhuma afinidade mantém. Está visto que antes de entrar em circuito, o grupo já é deformado e assim vai ser divulgado. Neste caso, a literatura se converte numa forma de dizer o outro sem conhecê-lo, sem saber o que é e como vive. É também um alerta. Graciliano Ramos sempre insistiu em que o perigo que corre o intelectual brasileiro é o de falar de uma realidade com a qual não conviveu, que mal conhece, deixando-se embalar por certas cantilenas que ajudam a deformar ainda mais o já precário conhecimento que temos de nós próprios. Há uma voz estranha que interfere nesta visão, de modo que já não pode ouvir a sua nem compreender o acento dela. Aliás, a primeira reação de Luís da Silva diante do grupo trai aquele preconceito de classe e de cultura, que pode ser visto como índice do comportamento do brasileiro, em seu juízo apressado e de pouca responsabilidade, quando afirma que se trata de um grupo de vagabundos. O modo de o narrador trabalhar o discurso faz aflorar o equívoco, pois existe um processo de infiltração da consciência que o corrige e conduz a uma espécie de reparação. Não se trata de vagabundos, mas de trabalhadores, gente simples que a outra faixa social tem usado em benefício próprio, enquanto se fecha em si mesma, para evitar qualquer tipo de alteração.

A montagem do texto ressalta também as indecisões da personagem, seus avanços e recuos, ao mesmo tempo que faz aflorarem os pré-juízos, julgamentos infundados que se contêm em imagens cristalizadas que compõem a ideologia inerente às classes mandantes que as mantêm vivas pelo destilar permanente das informações nutridoras destes pressupostos. De outra parte, é possível colher uma idéia da continuidade da situação, de manutenção da estrutura, pela projeção, no tempo, da vida e futuras ocupações dos membros do grupo, condenados a ter as mesmas posições de desocupados ou subocupados, sempre à margem do filão mais gordo, reservado aos que manobram os esquemas sociais.

Já explorada no caso de Fabiano, no romance *Vidas secas*, esta situação se apresenta na linha de continuidade do esquema levantado por Euclides da Cunha, na segunda parte de *Os Sertões*, e aponta para uma sociedade impermeável e arcaica, eivada de preconceitos, muito próxima das sociedades primitivas. Intelectuais tipo Luís da Silva pouco a conhecem em seus mecanismos e relações do cotidiano. Por isto mesmo, só podem chegar a ela mediados,

não raro, por outras culturas, o que explica o estranhamento e o espanto que assaltam o espírito da personagem. A perplexidade gerada pela visão repentina da realidade que lhe surge, sem véus, diante dos olhos atônitos, tem a mesma função daquela paisagem com que depararam os soldados da República quando penetravam o sertão para dar combate aos homens do Conselheiro, e produz a mesma dolorosa revelação de que à sua proximidade geográfica não corresponde nenhuma proximidade cultural e humana.

Se o que se pode descortinar por detrás da postura de Graciliano Ramos é, sobretudo a Literatura Brasileira anterior à experiência modernista, que procurava reverter a tendência, é preciso admitir que o problema ainda se faz presente nos quadros atuais, persiste e resiste, sob as formas mais variadas. Boa parte, mesmo do chamado mundo intelectual, continua a desconhecer o que se passa com o povo e com sua língua, por força de uma repulsa instintiva a tudo o que lhe diz respeito, principalmente pelo preconceito de que arte é outra coisa e usa outra linguagem. Neste sentido, é ilustrativo o esquema adotado na composição do romance *São Bernardo*, particularmente as reações do antiintelectual Paulo Honório, personagem-narrador. Criado fora do circuito letrado, não se deixa envolver nem contaminar pela tradição do falar inchado, responsável, em tese, pela má qualidade de boa parte da Literatura Brasileira. Quando Paulo Honório repele as propostas da personagem Azevedo Gondim, que admite a existência de uma linguagem para o dia-a-dia e outra para a escrita, demonstra que o problema estava vivo e presente na época em que se compunha o romance, e tinha que receber sua reprovação: “quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator de *O Cruzeiro* apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras, que me zanguei:

— Vá para o inferno, Gondim, você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacós de sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

— Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

— Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, ‘seu’ Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas

arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia." (*São Bernardo*. 2ªed., Martins, 1951, 9.).

Esta oposição língua escrita/língua falada, o preconceito de arte como algo especial, acima do comum e ordinário, muito bem-apanhado pelo texto de Graciliano, repõe em circulação a velha questão da arte. O fato artístico é visto como algo fora e acima das coisas comuns, decorre de predisposições singulares, pertence a uma classe especial e a ela se destina. A atitude implica um claro distanciamento entre essa concepção de arte e as raízes populares, que deveriam funcionar como fonte de alimentação do ato criador. O procedimento implica alienamento e desinformação e fazem o escritor viver fora do seu espaço e sem ter condições de o compreender. Sendo outros seu mundo e formas de preocupação, está fora do contexto e não pode atuar nem lutar para sua alteração. A decorrência imediata é o desconhecimento do país real a que tem acesso, quando muito, através de canais intermediários e do qual formula versões contraditórias que podem ainda ser desfiguradas pela carga ideológica que insiste naquilo que não é, com a intenção de forjar imagens representativas, sem vínculos com a realidade de origem. Assim, na versão ufanista, consoante a visão otimista e interessada do colonizador, logo depois da descoberta, gerou-se o mito da terra farta e fértil, do espaço paradisíaco e do reino da esperança. Imagens recorrentes e periodicamente retomadas pela literatura oficial de encomenda, reaparecem toda vez que é preciso incentivar o "amor à pátria" Na versão crítico-pessimista oposta à idealização romântica e conseqüente às teorias raciais e neocolonialistas de fins do século XIX, geraram-se os processos de descrença nas possibilidades do País e de seu habitante mais característico, o mestiço, considerado sùmula de todas as desvirtudes e fraquezas humanas, "breve estágio" entre duas "raças", condenado ao desaparecimento. O racismo dos gobineaus da vida entrava garganta abaixo de homens lúcidos que ensaiavam as primeiras interpretações do homem brasileiro, e deixava em sua esteira um gosto amargo de incompetência e impossibilidades.

Em qualquer das versões sobreexiste uma intencional deformação de fatos, ou porque os pressupostos são falsos e conduzem a distorções inevitáveis, ou porque a imaginação, trabalhada pela ideologia da conquista, traduz a herança do colonizador. A pressa e o desespero diante do quadro de carências acabam por obscurecer a capacidade

de discernimento, perturbam o equilíbrio e enfraquecem a paciência necessária para examinar com atenção as regras do jogo, propor mudanças ou lutar por elas. No primeiro caso, a ótica que conduz o escritor sofre a mediação das mais diferentes linguagens e se deixa embair pela idéia de grandeza. Servindo de modelo e balizando a criação da imagem local, a mediação reduz a criação literária e prolongamento secundário e desfibrado da linguagem que modelou a fisionomia da conquista. No segundo, foram avassaladores o peso e o fascínio exercidos pela cultura dos centros hegemônicos sobre os intelectuais brasileiros que a aceitaram não apenas como válida, mas muitas vezes como única.

Curiosamente, existem dois dados que caminham paralelos em fins do século passado, entre nós: a atmosfera de carregado pessimismo, de descrença em nossas possibilidades e destino e, ao mesmo tempo, talvez como forma compensadora, a obsessão do purismo lingüístico, da correção gramatical como sucedâneo do impossível purismo "racial", tão apregoado na época. Era um jeito de dizer: não pertenço a essa malta, guio-me por outras coordenadas. Em tudo isso existe um claro retrocesso, uma freada no avanço dos fatos, que ajuda a compreender o aparecimento de inúmeros gramáticos, de casticistas belicosos, ciosos no estabelecimento das boas matrizes da língua portuguesa em que procuram atrelar a língua que se fala no Brasil. Há um pressuposto conservador que guia esta gente: só existe uma forma correta, concebida estaticamente, a língua dos clássicos quinhentistas. A outra, dinâmica e atuante, a que dá conta da língua viva, era simplesmente ignorada. É exemplar neste caso a atitude assumida por Rui Barbosa, para muitos, até hoje, modelo do bom escrever e falar.*

Já vimos como Graciliano coloca o problema em *São Bernardo*, quando o narrador afasta a colaboração do letrado/citadino, sob a alegação de que a linguagem usada na escrita estava pernóstica: leia-se palavrosa e vazia, cheia dos vezos da gramatiquice e da eloqüência de que o Parnasianismo acabou modelo entre nós. Graciliano faz ver que entre a linguagem do dia-a-dia e a linguagem da literatura escrita não deve haver tais barreiras, que são, antes, barreiras classistas. De modo mais crítico e incisivo, ele volta ao problema em *Angústia*, quando aponta no artificialismo da cultura as causas do afastamento entre personagem e realidade. Dando estatuto de pequeno literato à perso-

nagem Luís da Silva, mostra-o sem condições de ler diretamente o meio em que vive. Ao se distanciar da sua gente, sente que não mais é capaz de entendê-la, nem senti-la, porque entre ambos se interpôs um mecanismo de mediação insuperável. No mesmo romance existe uma passagem exemplar neste sentido, curiosamente, também em conversa de botequim da periferia: "Puxei a cadeira, afastei-me daquele homem indiferente. Estupidez. Imaginar que as letras sempre tinham estado na parede. Inútil conversar com ele. Tenho lido muitos livros em línguas estrangeiras. Habituei-me a entender algumas. Nunca me serviram para falar, mas sei o que há nos livros. Certas personagens de romance familiarizaram-se comigo. Apesar de serem de outras raças, viverem noutros continentes, estão perto de mim, mais perto do que aquele homem de minha raça, talvez meu parente, inquilino de um dr. Gouveia, policiado pelos mesmos indivíduos que me policiam." (*Angústia*, idem, 184.). O conflito em que se debate a personagem é um tardio rebate da consciência que se dilacera à procura de si mesma no meio de que, apesar de seu, perdeu as coordenadas e se sente estrangeiro. Por força de um demorado convívio com o que não lhe pertence, que começa no plano da arte e se prolonga no das relações ordinárias, acaba por perder, também, os vínculos com a realidade circundante e a agravar a precária identidade com sua cultura e sua gente. Nalguns casos, esse desenraizamento se torna irreversível.

* Pouca gente sabe que, quando Rui Barbosa se pronunciou sobre o Código Civil Brasileiro que acabava de ser redigido por Clóvis Beviláqua, anteprojeto que deveria ainda passar pelo Senado, no lugar de se debruçar sobre o texto como jurista, que era supostamente sua especialidade, objetivando dar-lhe maior representatividade e torná-lo melhor adequado às necessidades e índole de nossa gente, o que o senador-jurista fez foi meter-se a corrigir supostos erros de português, a partir de critérios classistas e neocolonialistas. Tinha em mente a idéia de casticismo e purismo lingüísticos que os gramáticos da época puseram em circulação, na cola da reação racista que então se desenvolvia em toda Europa. Daí, seu apelido de gramatiquero impertinente, mestre-escola sempre de palmatória em mãos, à procura de piolhos da linguagem. Ficou célebre a polêmica em que ele se meteu com o professor Ernesto Carneiro Ribeiro por causa do anteprojeto, até relembração com saudades por muita gente. Ninguém opinou sobre a substância mesma das leis que iam reger nossas vidas. Era uma questão de gramática.

Seria muito ingênuo debitar tudo isto à conta do exclusivo desejo de pureza e de perfeição formal, como pretenderam alguns especialistas em exames apressados. No mínimo, servia para desviar a atenção do objeto central, o Código, que ficava para segundo plano.

Outro dado, no mínimo curioso, é que não foi a fama de jurista, de defensor de leis e princípios que se prolongou até nossos dias, mas exatamente o renome de gramatiquero, de conhecedor da língua, como se isto fosse um título honroso.

A medida que o processo adquire contornos mais nítidos, essa espécie de intelectual, de que Luís da Silva se constitui ponto de referência, tende a entrar em crise, avolumando as contradições em que vive. A desconfortável sensação de se sentir alijado daquele mundo aparentemente tão próximo, mas com que não pode conviver, por força de solicitações opostas e diferentes, desorienta e traumatiza. Fecha-lhe o espaço em que sua ação deveria se exercer e impede o alcance da identidade própria, de aceitação e comunhão cultural. A denúncia ainda é insuficiente para explodir o conjunto de valores que lhe governam a conduta, mas descortina o caráter heterogêneo e contraditório do intelectual periférico, cujo centro de controle se encontra em outra realidade. De qualquer modo, esta, a face positiva do problema porque desperta e açula as contradições. Pede revisões. Não é singular, no entanto, que provoque atitude inversa. Sentindo-se carente de apoio interno, sem perspectiva de reconhecimento de seus valores, pode partir à busca de outro espaço como forma compensatória, entregando-se a um exílio voluntário, e descaracterizador. Este, o perigo maior. Certos intelectuais brasileiros, os hispano-americanos com mais freqüência, buscam outras culturas, em especial européias, em que reconhecem os padrões considerados superiores e com os quais se julgam identificar. É um nítido processo de retorno provocado pela nostalgia da cultura do colonizador ainda suficientemente forte para provocar sedução. E neste "transoceanismo", para usar expressão conhecida, está todo o jogo da identidade cultural e de suas formas de afirmação. O prolongamento dessa tutela representa uma forma de dependência ainda forte entre nós. A antropofagia cultural foi insuficiente para liquidar e mesmo minimizar o problema ou produzir o ato integrativo. Na verdade, aí se encontra um duplo desenraizamento. À incorporação de uma cultura que não é sua nem de sua gente, corresponde igual deslocamento espacial de quem foge de coordenadas próprias para situar-se em outras latitudes. Enquanto perduram essas posições, o aspirado encontro com identidade própria vai-se protelando, as contradições se avolumam e o desequilíbrio tende a aumentar.

Comparado ao brasileiro, o caso hispano-americano parece mais grave, pois o deslocamento não se realiza apenas a nível espiritual, mas de forma efetiva. Procura-se com avidez os centros de irradiação artística, em busca de algo diferente: prestígio, reconhecimento ou

simplesmente oportunidade. O número de sul-americanos que vivem fora dos respectivos países, especialmente na Europa, é muito grande. A indiferença de que se julgam vítimas ou a presuntiva hostilidade local ajuda a compreender o comportamento, justifica os casos isolados, mas dificulta o questionamento da situação. Oriunda de causas diversas e complexas, a situação se vai agravando com a administração de doses significativas, distiladas pelas ideologias mandantes. Perceber e superar esta realidade, tem importância fundamental para fazer avançar o reconhecimento dos limites espaciais, de ação e atuação. Até certo ponto, foi o que conseguiu a música popular brasileira que, sem a tutela cultural externa (sei que há mil outros fatores), soube conquistar terreno e direito à cidadania, com tudo o que possa haver de cooptação e de utilização pelos mecanismos oficiais. Tem hoje um terreno reconhecido, que a literatura ainda luta para encontrar.

A verdade é que, vivendo fora, de fato ou em espírito, circulando em outras coordenadas e atuando com outros registros, fica difícil participar de forma efetiva deste nosso mundo, aceitar e compreender as necessidades e os anseios de sua gente. Esta falta de identificação cultural leva o escritor à procura de modos de equilíbrio ou de atitudes compensatórias, que acabam por tornar dramática sua atividade e relação com a sociedade. Existe aí um duplo movimento: a saída para encontrar os dados que supram as carências é também fator de afastamento do local em que se reconhece a incapacidade para suprir aquelas carências. Doutra parte, sem viver na pele as contradições, sem experimentar a agrura dos problemas, não se criam condições necessárias para compreensão dos valores culturais próprios, persistindo a aceitação dos que lhe foram impostos, em geral, de cima para baixo. E este complexo de fatores acaba por assegurar a continuidade das distâncias e abafar manifestações culturais de natureza e origem diversas das tuteladas. Deste modo, consciente ou inconscientemente, o intelectual contribui para que o muro separador, erigido como defesa de classe e cultura, continue e conserve sua validade ao longo da história, assegurando o pressuposto colonizador.

Em *Angústia* pode-se dizer que existe uma metáfora desta situação, válida inclusive para o resto da América Latina. A luta quase desesperada para encontrar-se e encontrar o próprio destino é necessidade de libertação tão forte que se torna objetivo prioritário e se confunde com o encontro do próprio destino da nação, cada vez mais

descaracterizada pela superposição de outras influências. A perdurar o processo de afastamento, esta ligação a outros centros, o desconhecimento de umas pessoas pelas outras persistirá, repetindo e eternizando o velho gesto colonial de dirigir-se à Metrópole, leia-se centro hegemônico, desculpando-se e pedindo licença para continuar escravo. Embora superado em alguns pontos, aqui sobrevive o toque dramático do exercício da função intelectual entre nós, processo homólogo a outras áreas de conhecimento, análise e pesquisa. Desligado das velhas matrizes culturais que nutriram o berço e a formação, distanciado de seu povo e de seus pares, sem convívio com vizinhos igualmente isolados, sem coragem para integrar-se na comunidade, distante das raízes populares e cioso de sua posição, a única saída que resta a este intelectual é o isolamento a esta sensação muito romântica de estar solitário dentro do País e no meio do "seu" povo. Produto do distanciamento sempre alimentado pelas estruturas ideológicas do colonizador, ou ele rompe com o processo e se incorpora ao projeto em curso, e passa a integrar a "subcultura" que se forja de modo diferente e com mais autenticidade, ou fica só, como Luís da Silva.

Associando as posições expostas acima às desenvolvidas em "Inácio da Catingueira", crônica de *Viventes das Alagoas* e "O fator econômico no romance brasileiro", crônica de *Linhas tortas*, é possível apreender o sentido de correlação entre ambas. Preocupação constante de Graciliano Ramos, esta tendência ao isolamento e à separação aparece como centro nervoso da cultura/literatura brasileira, porque nela se instala o impasse do intelectual e de sua atividade, o jogo de carências e necessidades. Ou se caminha para a superação ou se eterniza a separação. De um lado, receio e ignorância, de outro, desprezo e arrogância são as marcas dos falsos pudores que identificam esta tendência e distinguem aqueles que sempre evitaram tratar com as estruturas reais no País, mantendo-se a uma conveniente distância do objeto, que raramente aparece em suas dimensões exatas. Ou o que pode ser ainda pior, passam a enfrentá-las com instrumentos inadequados à sua prospecção, como foi o caso dos trabalhos que tomaram por base as teorias científicas de fins do século passado, concebidas para outra realidade, como as teorias racistas com suas idéias de superioridade e inferioridade racial, de triste memória e desastrosas conseqüências. Assim, por falta de instrumentos e com instrumentos inadequados, tornava-se difícil examinar e compreen-

der as engrenagens que movimentavam a máquina. A sedução das grandes culturas, associada à depreciação da cultura local, era mais forte que a necessidade de a revolver e poderosa o bastante para alimentar o processo de isolamento e esta terrível situação brasileira em que a idéia de povo, quase sempre, exclui o falante, pois implica menosprezo e repulsa de modo a referir-se a ela sempre como objeto, terceira pessoa em que não se está incluído. As pessoas ainda têm receio de se verem confundidas com a massa dos despossuídos e humilhados. Esta postura teve reflexos enormes na literatura.

Penso no passado não muito remoto, mas não creio que o presente esteja liberto destas amarras e preconceitos. Se, a partir do Modernismo se desenvolveu uma maior aproximação entre as partes, em projetos ousados e generosos, em que estavam presentes os anseios de superação dos preconceitos com vistas a uma melhor compreensão da realidade, creio que só muito recentemente e, em parte, esta relação começa a ser violada. Escritores oriundos de outras matrizes, sem os preconceitos e, principalmente, sem os compromissos das classes altas, aceitam a idéia de se pensar como "povo" e, portanto, a atribuir-lhe também o direito de fala e a capacidade de voz.

A contribuição de Graciliano nesta direção foi importante e decisiva. Sem apelar para modismos nem concessões ou estropiamentos da linguagem, mas consciente de suas funções e compromissos com o meio, certo de que o povo anônimo tinha direito à representação e à voz, ele o trouxe para o primeiro plano, deu-lhe tratamento adulto e estatuto de gente. Ao mesmo tempo, desmistificava preconceitos do pequeno intelectual e o mostrava prisioneiro de fundas contradições, vítima de uma herança nefasta.

FICHA CATALOGRÁFICA

GARBUGLIO, José Carlos. *Angústia: cultura e mediação*.
Revista da Universidade de São Paulo, São Paulo, (3):
p. 133–148, dezembro de 1986.